

Keila Grinberg • Lucia Grinberg
Anita Correia Lima de Almeida

PARA CONHECER CHICA DA SILVA


ZAHAR
Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro



Copyright © 2007, Keila Grinberg, Lucia Grinberg e
Anita Correia Lima de Almeida

Copyright desta edição © 2007:

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Preparação de originais: Angela Ramalho Vianna
Projeto gráfico e composição: Mari Taboada
Capa: Miriam Lerner

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Grinberg, Keila, 1971-
G876p Para conhecer Chica da Silva / Keila Grinberg, Lucia
Grinberg, Anita Correia Lima Almeida. — Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Ed., 2007.

il. - (Para conhecer)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7110-981-0

1. Silva, Chica da, m. 1796 – Literatura infanto-juvenil.
2. Escravas – Minas Gerais – Biografia – Literatura infanto-juvenil. 3. Escravas libertas – Minas Gerais – Biografia – Literatura infanto-juvenil. I. Grinberg, Lucia. II. Almeida, Anita III. Título. IV. Série.

07-0249

CDD: 920.9306362
CDU: 929:326

SUMÁRIO

Linha do tempo 8

1. A MENINA ESCRAVA 11

▪ *Para saber mais*

- Demarcação Diamantina 15
- Por um quilate 17
- Mineração 19
- O diamante 20
- O que é ser mina? 21
- Comércio de escravos para o Brasil 24
- Escravidão 31

2. O SINHOZINHO DO REINO 33

▪ *Para saber mais*

- Estrada Real 38
- Universidade de Coimbra 41
- Quem carrega o piano? 48
- Alforria em Minas Gerais 50
- As famílias mineiras 53

3. A GRANDE SENHORA 55

▪ *Para saber mais*

- Antônio José da Silva 57
- Terremoto em Lisboa 62
- O Convento de Macaúbas 65
- O açúcar de Saint-Hilaire 68
- Libertas 72
- Irmandades 73
- O mito Chica da Silva 75
- Romanceiro da Inconfidência 77

Glossário 79

Referências 81

- Livro sobre Chica da Silva*, 81 ▪ *Outras obras*, 81 ▪ *Imagens*, 83 ▪
- Obras de viajantes*, 83 ▪ *Museus*, 83 ▪ *Sites*, 83

Créditos das ilustrações 85

Nota aos pais e professores 86

Agradecimentos 87

1 A MENINA ES CRAVA



Era manhã, bem cedinho. O sol ainda não tinha despontado inteiramente quando Chica, Antônia e Francisca Crioula chegaram ao rio Santo Antônio para lavar roupa. Eram escravas, as três. Vinham descalças, com roupas coloridas, as trouxas na cabeça. Nem bem haviam completado 20 anos, já eram responsáveis por todo o serviço doméstico da casa de seu senhor. Aproveitavam o primeiro dia de estiagem, depois de semanas e semanas de chuva forte e trovoadas, para colocar o serviço em dia.

Aquela época do ano, início de novembro, era mesmo para se aproveitar o dia que clareava assim tão azul. O sol coloria as rochas lá longe, de tal maneira que elas pareciam brotar do solo, surgindo na paisagem das montanhas que as cercavam. Lá no Tejuco, onde as três moças moravam, era assim, montanhas altíssimas, picos que pareciam alcançar o céu, riachos por toda parte. A mata era um pouco rala, mas com isso poucos se importavam.

O que tirava mesmo o fôlego daqueles que enxergavam de longe o pico do Itambé, quando chegavam lá pela primeira vez, era a vista das rochas. Era tanta pedra, de todos os tamanhos, que parecia até

que a montanha inteira era feita de uma pedra só. As rochas encantavam mesmo os viajantes que por lá passavam, um pouco por sua beleza, muito pelas promessas de infinita riqueza.

Ainda estava bem fresco e, para se aquecer, ou por falta de melhor distração, Antônia e Francisca Crioula falavam sem parar. Entre uma roupa e outra, estavam numa tagarelice só. Não havia notícia em toda a região que não fosse comentada por elas. Naquele dia, o assunto era o roubo dos diamantes: em plena festa de aclamação de dom José I, o novo rei de Portugal, vários diamantes enormes, pesadíssimos, haviam sido roubados. A festa, apesar da chuva, tinha sido maravilhosa. Foram três dias de danças, com máscaras e lanternas espalhadas pelo arraial. Até sermão com missa cantada teve, na igreja do Rosário. Isso sem falar no grande banquete ao final – mas para este elas não foram convidadas.

Pois foi nas barbas de todas as autoridades que as pedras desapareceram. Ninguém conhecia o **paradeiro**. O pessoal só dizia que elas tinham sido levadas para os lados do caminho da Bahia, o que não chegava a surpreender, já que era justamente por ali que passavam todas as mercadorias que não podiam seguir pelas estradas que conduziam ao Rio de Janeiro e a São Paulo, as duas muito vigiadas. Mesmo com todo esse controle, sumiço de diamantes era coisa que acontecia todo dia.

Também, não era para menos. Estamos no ano de 1751, auge da extração de diamantes em Minas Gerais, no arraial do Tejuco, cidade não por acaso hoje denominada Diamantina. Já fazia muito tempo desde que as primeiras pedras haviam sido encontradas por ali. Há mais de cem anos, viajantes saíam de Porto Seguro e do Espírito Santo, subindo os rios Doce e Jequitinhonha até chegar aos ribeirões de Caeté-Mirim e Santo Antônio, onde já se explorava ouro.



■ Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Diamantina.

Mas há coisa de uns 30 anos os diamantes tinham sido realmente descobertos em quantidade, nas lavras do rio Morrinhos, de propriedade de Bernardo da Fonseca Lobo. Dizem que, no início, as pedras eram extraídas ilegalmente, sem que a descoberta tivesse sido comunicada ao rei de Portugal. E quem faria parte da trama? Um tal Felipe de Santiago, vendedor ambulante; frei Elói Torres – que já teria estado até na Índia à procura de riquezas –; ninguém menos que o **ouvidor** do Serro do Frio, Antônio Rodrigues Banha; e o governador das Minas, dom Lourenço de Almeida!

Só que a quantidade de diamantes descobertos era tão grande, mas tão grande, que em pouco tempo o lugar antes quase desabitado virou um arraial, com ruas, praça e igrejas. Até quem explorava ouro em outras regiões largou tudo e correu para lá. Dizem que Sabará ficou deserta quando começou a circular o boato sobre a descoberta dos diamantes no Tejuco. Aí já não dava mais para esconder o tesouro.

Em 1729, dom Lourenço foi obrigado a comunicar oficialmente às autoridades a grande descoberta. Os reis de Portugal, com medo de perder o controle sobre a região – e de olho nos benefícios que ela poderia trazer –, resolveram definir uma área onde seria permitido explorar os diamantes, a chamada Demarcação Diamantina, com um **intendente** especial só para tomar conta da região e cobrar impostos pela extração das pedras preciosas. A partir de então, para ir atrás de diamantes, era preciso ter um contrato especial com o governo português. E se por acaso alguém encontrasse alguma pedra de 20 quilates ou mais, devia enviá-la diretamente a Portugal. Era propriedade dos reis.



PARA SABER MAIS

Demarcação Diamantina

Embora haja controvérsias sobre a data em que se encontraram diamantes nas Minas Gerais, foi em 1729 que o governador dom Lourenço de Almeida comunicou oficialmente a descoberta a Portugal. A partir daí, a coroa deu início às tentativas de organizar a extração e a cobrança de impostos. Todos que tivessem escravos e capital podiam investir na exploração das pedras. Mas, com a corrida ao diamante, o preço despencou.

Para tentar controlar a situação, em 1734, a coroa estabeleceu a Demarcação Diamantina, ou Distrito Diamantino, uma área em torno do arraial do Tejuco, incluindo vários povoados como Gouveia, Milho Verde, São Gonçalo, Chapada, Rio Manso e outros, especificamente para controlar a extração. Foi nomeado o primeiro intendente dos diamantes, e a exploração suspensa até



■ Mapa da região que produzia diamantes, século XVIII.

os preços voltarem a subir no mercado internacional. Para quem tinha ido à região em busca de riqueza, esse foi um tempo difícil.

Em 1739, a exploração foi reaberta, mas as regras tinham mudado. Foi criado um sistema de contratos particulares que deveriam ser arrematados por um único contratador, ou em sociedade, por um período de quatro anos. O sargento-mor João Fernandes de Oliveira, pai de João Fernandes, foi o primeiro contratador, em sociedade com o negociante Francisco Ferreira da Silva. Anos mais tarde, o filho, desembargador João Fernandes, já na vigência de um outro contrato, foi enviado ao Tejuco para administrar os negócios do pai. No sexto contrato, pai e filho tornaram-se sócios. E foi assim que o desembargador João Fernandes de Oliveira acumulou sua enorme riqueza.

A partir de 1745, o fluxo de pessoas e mercadorias na Demarcação começou a ser controlado, e a entrada passou a ser permitida apenas em locais específicos. Nessas áreas, havia fiscais e destacamentos militares. A idéia era controlar a região e impedir o contrabando. Mas muitas vezes as próprias autoridades eram coniventes com as práticas ilegais.

Em 1771, já sob a administração do marquês de Pombal, a coroa acabou com o sistema de contratos, passando a monopolizar a exploração com a criação da Real Extração dos Diamantes. Foi estabelecida uma legislação especial para a região, o Regimento Diamantino, que ficou conhecido como Livro da Capa Verde porque o exemplar enviado para o Distrito tinha uma capa de marroquim (um tipo de couro) verde. Apesar do monopólio e de todo o controle, os proprietários da região ganhavam bastante dinheiro alugando seus escravos para a Intendência. E, afinal, a coroa sempre tentou submeter a vida no Distrito a seus interesses, em particular no período do Regimento, mas, como são eternos os diamantes, assim também foi com o “descaminho”.